

A importância do Dia Mundial da Estatística

Alguns depoimentos

Professor Doutor Pedro Telhado Pereira



P:

Considerando a ligação da Universidade ao Sistema Estatístico Nacional, através do Conselho Superior de Estatística, que integra dois professores universitários nomeados por proposta do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e ainda cinco personalidades de reconhecido mérito, que importância atribui à criação de um Dia da Estatística a nível mundial?

Na esfera da Universidade, existem iniciativas que salientem/reconheçam o papel da estatística no progresso das sociedades e promovam a literacia estatística no seio de docentes e discentes?

R: Penso que ainda existem largos sectores da população que acham que as "estatísticas" são aquilo que os Governos querem que elas sejam. Parece-me, pois, que é extremamente importante a criação de um dia da Estatística de modo a levar a população a compreender que as estatísticas são obtidas por meios independentes dos governos, por entidades autónomas e, normalmente, segundo critérios internacionais que tornam os valores comparáveis entre países. Por outro lado, este dia pode levar a uma consciencialização das pessoas para colaborarem com as entidades que recolhem as estatísticas, se forem divulgadas a utilidade e vantagens de se conhecer a realidade de forma o mais correcta.

"Existe já uma literacia estatística generalizada entre os universitários"

Actualmente quase todos os cursos nas Universidades utilizam dados estatísticos, por isso, existe já uma literacia estatística generalizada entre os universitários. No entanto, penso que não estão ainda despertos para a importância das estatísticas para a cidadania, e nesse aspecto ainda são necessárias iniciativas que promovam o papel das estatísticas.

"Este dia pode levar a uma consciencialização das pessoas para colaborarem com as entidades que recolhem as estatísticas"

Professor Doutor João Ferreira do Amaral



A produção de informação estatística é uma actividade que se processa normalmente num contexto duplamente ingrato. Por um lado, sendo uma actividade essencial - e cada vez mais essencial - não é, contudo, actividade que do ponto de vista do mediatismo que hoje caracteriza a política, seja considerada prioritária.

“Sem visibilidade mediática, a produção estatística é cronicamente subfinanciada: os recursos atribuídos não têm, em geral, correspondência com a importância do serviço”

Os governos gostam de mostrar os novos investimentos que o Estado financia ou os novos apoios sociais públicos que são prestados aos estratos populacionais mais desfavorecidos. Mas nenhum governo se empenha publicamente a anunciar que fez isto ou aquilo na produção estatística, porque sabe que os meios de comunicação social não lhe dariam qualquer realce e que o grande público não se interessaria pelo tema. Sem visibilidade mediática, a produção estatística é cronicamente subfinanciada: os recursos atribuídos não têm, em geral, correspondência com a importância do serviço.

Mas não sendo mediaticamente atractiva, a produção estatística não pode compensar essa característica com a tranquilidade de uma absoluta discrição, visto que, à semelhança, aliás, de outros serviços públicos, terá a atenção dos media sempre que surjam deficiências ou erros que sempre inevitavelmente surgirão, na Estatística, como em qualquer outra actividade humana. Erros e deficiências que são, em muitos casos, resultantes do subfinanciamento a que é sujeita. Este, o outro lado do contexto ingrato que acima referi.

"A informação estatística está na base do conhecimento em muitos domínios da investigação"

Os investigadores, em particular os das instituições do ensino superior, sabem bem como a existência de uma boa informação estatística pode fazer a diferença. E sabem também que o benefício de uma melhor informação sobre os fenómenos, sejam da Natureza, sejam sociais, pelo conhecimento que propicia e pelas acções de política que fundamenta, não tem qualquer correspondência com o custo - proporcionalmente tão diminuto - que a sociedade paga por essa informação. O conhecimento é verdadeiramente o que permite que o valor criado pelas actividades humanas seja muito superior ao valor dispendido nessas actividades - e a informação estatística está na base do conhecimento em muitos domínios da investigação. Mas também esta evidência não consegue ganhar audiência fácil no grande público.

"E assim a Estatística, ao menos uma vez por ano, terá visibilidade pública pelas boas razões"

É por isso que é tão importante a existência de um dia mundial da Estatística. Não vale a pena estabelecer dias mundiais para actividades ou situações que todos os dias surgem nos grandes meios de comunicação social. Mas é certamente necessário que serviços tão essenciais como a Estatística, que não gozam habitualmente do favor da política mediática, possam ter o seu dia. E assim a Estatística, ao menos uma vez por ano, terá visibilidade pública pelas boas razões.



P: Como investigador e grande utilizador de estatísticas oficiais, qual o mérito que atribui à criação do Dia da Estatística a nível mundial?

R: A criação do Dia Mundial da Estatística não deve ser vista apenas como o reconhecimento da relevância crescente que os números, em geral, e a estatística, em particular, têm nas vidas das sociedades modernas, mas, principalmente, como uma forma de assinalar a maior exigência que se deve ter na produção e utilização dessas estatísticas. Desta forma, o Dia Mundial da Estatística não deve ser um fim em si mesmo, mas um instrumento de melhoria do quadro estatístico disponível, em que produtores e utilizadores assumem iguais responsabilidades.

P: Como investigador de temáticas económicas e sociais, como avalia a dicotomia "rapidez/qualidade" no que se refere à disponibilização das estatísticas oficiais?

R: A disponibilização atempada de estatísticas é crucial para potenciar a sua relevância social e económica.

As estatísticas oficiais em Portugal têm vindo, nos últimos anos, a apresentar um desfasamento cada vez menor face ao período de referência dos dados. Este facto revela um compromisso bastante claro do INE no sentido de cumprir o seu papel na sociedade portuguesa, mas está ainda aquém do que é possível e desejável.

"As estatísticas oficiais em Portugal têm vindo, nos últimos anos, a apresentar um desfasamento cada vez menor face ao período de referência dos dados"

P: Será que a urgência dos utilizadores/decisores pode colocar em causa a qualidade das estatísticas, "ponto de honra" das autoridades estatísticas?

R: A qualidade e a confiança das estatísticas oficiais são bens inalienáveis e não deverão ser sujeitos a compromissos sob qualquer circunstância. No entanto, a evolução do conhecimento científico e tecnológico tem permitido a melhoria da relação rapidez/qualidade de uma forma impensável há uma década atrás. A incorporação desses avanços e a promoção de melhorias contínuas no processo de produção estatística é crucial para a assimilação e potenciação desses progressos no quadro estatístico nacional. O que um utilizador deseja é poder observar esse progresso dentro do INE e o que ele deve promover no seu quadro de influência é que a sociedade devote os recursos necessários a que isso aconteça.

"A qualidade e a confiança das estatísticas oficiais são bens inalienáveis"



P: Como investigador e grande utilizador de estatísticas oficiais, qual o mérito que atribui à criação do Dia da Estatística a nível mundial?

R: Se o Dia da Estatística vier chamar a atenção para a importância de ter informação fiável e credível, para que se conheça de forma correcta a realidade de cada sociedade, terá cumprido um papel importante.

P: Como investigador de temáticas económicas e sociais, como avalia a dicotomia "rapidez/qualidade" no que se refere à disponibilização das estatísticas oficiais?

R: Esta é uma questão de difícil resposta. Informação muito correcta obtida décadas depois da realidade a que diz respeito ter tido lugar é pouco útil. Mas informação imprecisa no momento imediato à realidade que se observa poderá induzir em erro. Há que perceber, em cada caso, o que custa a rapidez em termos de qualidade da informação, e avaliar se é aceitável. Não há uma resposta única para esta questão e depende de cada estatística.

Por exemplo, em termos de inflação, é importante ter um conhecimento relativamente próximo, podendo-se aceitar uma margem de imprecisão maior (até porque pela natureza do próprio conceito de inflação, há "erros de medição" sempre presentes, desde logo, a escolha dos cabazes para o cálculo do índice de preços). No pólo oposto, encontram-se, a meu ver, inquéritos como o inquérito às despesas das famílias, em que é preferível esperar um a dois anos para ter informação de qualidade. Em geral, o INE é rápido na informação de conjuntura (inflação, emprego, etc.), e um pouco mais lento que o desejável nos inquéritos à população, embora seja informação cuidada.

"Há que perceber, em cada caso, o que custa a rapidez em termos de qualidade da informação, e avaliar se é aceitável"

P: Será que a urgência dos utilizadores/decisores pode colocar em causa a qualidade das estatísticas, "ponto de honra" das autoridades estatísticas?

R: Mais do que a "urgência" dos decisores em terem informação rápida, é crítico para a qualidade das estatísticas que estas sejam obtidas de forma séria e independente, e não com o propósito de corroborar ou justificar opções já tomadas pelos decisores políticos.

As estatísticas não são um instrumento dos decisores. São informação que pertence a toda a sociedade.

"As estatísticas não são um instrumento dos decisores"